

## PROCESSOS DE AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM A PARTIR DE PRÁTICAS DOCENTES: relatos de professoras do 5º ano

Flávia Vitória Carneiro Moura <sup>1</sup>

Cenilza Pereira dos Santos <sup>2</sup>

### RESUMO

Este texto é um recorte de uma pesquisa sobre os procedimentos pedagógicos estimuladores de autorregulação da aprendizagem, identificados e analisados a partir do discurso de professoras do 5º ano de uma escola pública municipal do interior da Bahia. A Autorregulação da Aprendizagem (ARA) é a capacidade do indivíduo de conhecer e gerir seu aprendizado, cumprindo ações e atitudes pensadas pelos estudantes para benefício próprio. Para realização dessa pesquisa, colocou-se como questionamento: as práticas pedagógicas de professores estimulam a autorregulação da aprendizagem em alunos do 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental? Como objetivo geral propomos analisar procedimentos pedagógicos estimuladores de autorregulação da aprendizagem através dos relatos de professora de 5º ano. Para tanto, buscou-se fundamentos teóricos em Boruchovitch (2014); Tardif (2014); Perassinoto; Boruchovitch; Bzuneck (2013). Caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, realizada no ano de 2023, a partir do Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Licenciatura em Pedagogia de uma Universidade Estadual do interior da Bahia. Os resultados encontrados mostraram a presença de procedimentos potenciais à autorregulação da aprendizagem no discurso das professoras que foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas. Esses procedimentos pedagógicos são tratados como potenciais, pois compreendemos que a autorregulação não é promovida pelo professor, mas construída e praticada pelo aluno a partir de interesse próprio em aprender e estudar ou motivação extrínseca, sendo também necessária uma disposição do aluno em executar procedimentos de estudo. Esse artigo evidencia a presença de estímulos de autorregulação da aprendizagem na escola, a partir das práticas docentes, também é um convite para a prática intencionada de estimulação à autorregulação.

**Palavras-chave:** Práticas pedagógicas, Autorregulação da aprendizagem, Procedimentos de estudo.

### INTRODUÇÃO

A Autorregulação da Aprendizagem (ARA) é a capacidade do indivíduo de conhecer e gerir seu aprendizado, cumprindo ações e atitudes pensadas pelos estudantes para benefício próprio. Nesse sentido, todos os indivíduos se autorregulam em suas aprendizagens, alguns com maior frequência e apropriação fazendo dessa uma prática constante e outros apenas no surgir da necessidade.

---

<sup>1</sup> Pós-Graduanda no curso de Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UEFS; Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, [flaviavcmoura@gmail.com](mailto:flaviavcmoura@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, [cpsantos@uefs.com](mailto:cpsantos@uefs.com);

Estudar é uma ação realizada com o propósito de aprender algo, com estratégias de eficácia pessoal, sendo que, o que funciona para um, pode não ser funcional para o outro. O ato de autorregular-se, de acordo com Zimmerman (2000; 2002 *apud* Ganda; Boruchovitch, 2018), acontece em um ciclo dinâmico de três fases: Planejamento, Execução e Reflexão.

A fase de Planejamento é antecedente em qualquer ação de estudo, pois, se refere ao estabelecimento de metas, escolha das estratégias para alcance do objetivo e variáveis afetivas e emocionais. Esta possui dois aspectos principais, a análise da tarefa (escolha dos elementos necessários para a sua execução), motivação e crenças de autoeficácia (qual o motivo para realizar a tarefa, nível de conhecimento, se a realização é com ou sem ajuda).

Na fase de Execução, está o controle de ações e comportamentos durante o estudo, empregando as estratégias pensadas (se a realização da tarefa está acontecendo conforme o planejado, se é preciso mudar as estratégias, a concentração na execução).

Reflexão se constitui em uma autoavaliação sobre a realização das metas que foram estabelecidas e a eficiência das estratégias empregadas (atribui causas aos resultados obtidos, comparação entre o planejado e o executado, reflexão sobre as interferências).

Ganda e Boruchovitch (2018) descrevem que a Autorregulação da Aprendizagem é constituída de quatro dimensões: Cognição/Metacognição; Motivacional; Emocional/Afetiva e Social. A primeira refere-se aos procedimentos usados pelo aluno para aprender, ou seja, as estratégias cognitivas que são usadas para aquisição, armazenamento e recuperação da informação (Perassinoto; Boruchovitch; Bzuneck, 2013) e as Metacognitivas, para o planejamento e monitoramento do ato de aprender (Pozo, 1996).

Na Motivação está a razão que faz com que o sujeito estude, podendo ser intrínseca, que é pessoal e voluntária; ou extrínseca, instigada pelo recebimento de recompensas ou alcance de objetivos. Ambas são influenciadas pela percepção interna da capacidade de aprender, caracterizada por Cunha e Boruchovitch (2012) como crença de autoeficácia. Ou seja, o indivíduo fica desmotivado a estudar conforme tem uma percepção negativa sobre si por achar que não irá aprender.

No processo Emocional/Afetivo, as emoções permeiam todo o processo de aprendizagem e as três fases de execução podendo ser contributivas para motivação ou fortalecedora da desmotivação. Sentimentos como a ansiedade, é o principal influente no

processo de estudo. A dimensão Afetiva envolve a relação professor-aluno (Ribeiro, 2010). O Social faz referência ao ambiente de aprendizagem, ou seja, as pessoas, o lugar, a cultura e as relações. Conforme Ganda e Boruchovitch (2018), as dimensões da Autorregulação da Aprendizagem acontecem em paralelo umas com as outras de maneira rotineira, mas que podem ser controladas. Por isso, são um estado consciente importante para a modificação do comportamento referente ao estudo.

Este o trabalho é produto de reflexões a partir da experiência em sala de aula em que desenvolveu como problemática para uma pesquisa empírica: Como a Autorregulação da Aprendizagem está presente no processo de ensino e de aprendizagem da educação básica? Para esse problema foi posto como objetivo, analisar práticas docentes que estimulem a Autorregulação da Aprendizagem através de relatos de professoras do 5º ano – Anos Iniciais do Fundamental.

Esse texto traz um recorte da análise dos dados obtidos. Por ser um recorte, as categorias que emergiram ao longo da análise dos dados foram articuladas numa única. Portanto, esse artigo segue com a seguinte organização: uma exposição rápida da metodologia utilizada para a coleta dos dados, análise e discussão dos dados e as considerações finais. A intenção é contribuir para uma valorização e um aperfeiçoamento do trabalho docente e da qualidade das aprendizagens de alunos, oferecendo aparato para compreender práticas pedagógicas de professores da educação básica no contexto do ensino fundamental, dando ênfase aos anos iniciais.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa se caracterizou como qualitativa de cunho descritivo e, em sua realização, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas professoras de uma turma do 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal no interior do estado da Bahia. Para Trivinos, esse tipo de entrevista “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão” (1987, p. 152).

A escolha pelo 5º ano foi sua característica singular de ser uma etapa transitória dos alunos, tanto na dinâmica do ensino fundamental em que é marcado pelo fim dos anos iniciais com professores generalistas (pedagogas) para professores específicos (demais licenciaturas) nos anos finais do ensino fundamental, quanto pelos processos de

desenvolvimento dos alunos que iniciam a pré-adolescência, envolvidos com mudanças hormonais e de personalidade.

Para a plena garantia do sigilo, foram usados nomes fictícios para cada professora. Sendo Marina uma professora com mais de trinta anos, tem experiência na Educação do campo; Educação Profissional; Educação de Jovens Adultos e Idosos e Língua Estrangeira, concluinte do Mestrado em Educação, trabalhando em uma jornada de 40h semanais. Enquanto a professora, aqui chamada de Helena, tem experiência no curso de nível médio para formação docente (antigo magistério) dando aula em disciplinas como didática, metodologias, substituindo professoras que faltavam nesses cursos, isso ainda na graduação em Pedagogia, após a finalização da graduação foi efetivada em concurso público como professora da rede municipal de ensino. Helena também é coordenadora pedagógica pela Secretaria Estadual de Educação da Bahia (SEC-BA), tendo uma jornada de trabalho de 60h semanais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Diante dos procedimentos instituídos pela análise de conteúdo de Bardin (1977), a partir dos princípios de leitura, identificação das unidades de sentido, emergiram duas categorias: as práticas pedagógicas e o aluno e a aprendizagem. Para esse texto, decidimos juntá-las num único tópico, com um título diferente para garantir a coesão e coerência do texto, apresentando-a a seguir.

### **AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE DOCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA NA CONSTRUÇÃO DA AUTORREGULAÇÃO APRENDIZAGEM EM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Diversos são os fatores que permeiam os processos educativos, aqui destacamos o profissional docente, mediador do processo de aprendizagem e qualificador dos conhecimentos. Com suas práticas instruem seus alunos em todo o processo educativo, assim, compreendemos que a prática de um professor é resultado de seus conhecimentos e experiências.

Conforme Tardif (2014), os profissionais do magistério, possuem saberes para além do científico acadêmico, provenientes de vivências pessoais e sociais, chamado por ele de saber da experiência. Pela especificidade do trabalho docente, o professor está

sempre em formação acompanhando as mudanças da sociedade, diante disso, as discussões sobre a formação do professor tem sido cada vez mais latente. Nóvoa (1991) aponta a formação pessoal, profissional e organizacional como aspectos fundamentais para viabilização de uma formação contínua de qualidade por isso o autor descreve que o desenvolvimento pessoal do professor deve ser mediado por uma formação crítico-reflexiva, o profissional a partir de questionamentos referentes a autonomia e profissionalismo frente ao Estado e a escola como lugar de transformação.

Dada essas dimensões sobre a especificidade do profissional docente, as práticas docentes devem ser essencialmente de reflexão, em concordância com Freire (2001) que a reflexão é o movimento realizado entre o fazer e o pensar, entre o pensar e o fazer, ou seja, no “pensar **para o fazer**” e no “pensar **sobre o fazer**” (*Grifos nossos*).

A criticidade na prática docente oportuniza a reflexão sobre o que ensinar, como ensinar, para que ensinar e para quem ensinar. Proporciona mudanças nas ações docentes, nesse sentido, Zeichner (1992) aponta a reflexão a partir de três perspectivas:

[...] a prática reflexiva deve centrar-se tanto no exercício profissional dos professores por eles mesmos, quanto nas condições sociais em que esta ocorre; b) o reconhecimento pelos professores de que seus atos são fundamentalmente políticos e que, portanto, podem se direcionar a objetivos democráticos emancipatórios; c) a prática reflexiva, enquanto prática social, só pode se realizar em coletivos, o que leva a necessidade de transformar as escolas em comunidades de aprendizagem nas quais os professores se apoiem e se estimulem mutuamente. (Zeichner, 1992 *apud* Pimenta, 2005, p. 26)

Nesse sentido, perguntamos as professoras o que elas entendiam por aprendizagem, e ambas definiram como um processo de construção do aluno. Essas falas nos levaram em direção a concepção de educação e aprendizagem dessas profissionais. As práticas em sala podem fornecer ao indivíduo habilidades, recursos e estratégias que o auxiliem no desenvolvimento da autorregulação. É através dos professores que as crianças tem o primeiro acesso a procedimentos de estudo, sendo a referência na relação que este irá estabelecer com a escola e os conhecimentos. A esse respeito, Libâneo (2008) entende o trabalho docente como:

a) assegurar aos alunos o domínio mais seguro e duradouro possível dos conhecimentos científicos; b) criar as condições e os meios para que os alunos desenvolvam capacidades e habilidades intelectuais de modo que dominem métodos de estudo e de trabalho intelectual visando a sua autonomia no processo de aprendizagem e independência de pensamento; c) orientar as tarefas de ensino para objetivos educativos de formação da personalidade, isto é, ajudar os alunos a escolherem um caminho na vida, a terem atitudes e convicções que norteiem suas opções diante dos problemas e situações da vida real (Libâneo, 2008, p. 71).

Assim, o trabalho docente é compreendido como uma ação ampla que sobrepõe a ensinar conteúdos, mas se caracteriza em formar estudantes. As colaboradoras seguiram nessa linha de compreensão, uma vez que suas falas indicavam uma “consciência” sobre suas ações na formação de alunos enquanto sujeitos do próprio aprendizado:

Como mediador dessa aprendizagem, precisa ter claro o que quer que os seus alunos entendam e aprendam. Então acho que o primeiro passo enquanto professor é ter clareza dos seus objetivos, porque não existe aprendizagem se não houver um objetivo claro. (Profª Marina, 2023)

Os objetivos de aprendizagem devem incluir a aquisição de habilidades de estudo, essas por sua vez, não são compreendidas pelos alunos de maneira involuntária e por isso o professor como mediador deve trabalhar com a promoção de estímulos, de acordo o que nos diz a próxima colaboradora:

[...] o professor, dependendo da maneira como ele trabalha, vai incentivando o aluno a essa consciência de que a aprendizagem só vai acontecer se ele trabalhar para isso. Então, eu acho que tem muito a ver com o que o professor vai trabalhando no dia a dia, né? “Abrindo os olhos”. (Profª Helena, 2023)

Com isso, as professoras se incubem, principalmente, de auxiliar os alunos no autoconhecimento estudantil. Já possuidoras de práticas e repertório referente ao papel que possuem no processo de ensino e de aprendizagem, sinalizam também a necessidade de compreender que na prática docente, a pesquisa deve ser o meio na produção do conhecimento pedagógico. Nesse processo, é fundamental a reflexão constante a partir das observações diárias da sua classe.

[...] a gente não é só alguém que está ensinando, repassando conhecimento, a gente é antes de tudo um pesquisador, um observador... a sala de aula precisa ser esse lugar que o professor observa, escuta, percebe, investiga seu aluno o tempo inteiro. Tem que haver um comprometimento também enquanto professor porque para que essa aprendizagem seja efetiva tanto eu preciso que os meus alunos entendam esse processo como eu também preciso dominar esses vários processos de aprendizagem né, eu preciso também entender essa dimensão de que a aprendizagem não é uma via única. (Profª Marina, 2023)

As formas de aprendizagem são variadas, não existindo uma forma correta de aprender, a variável existente está nas estratégias de aprendizagem, os procedimentos realizados, habilidades construídas para aprender. A respeito disso, as professoras apontaram requisitos que acreditam necessários para essa formação:

[...] o indivíduo precisa estar aberto a querer alcançar novos conhecimentos, a construir novos conhecimentos. Tanto aberto como já ter alguns alicerces para ele conseguir aprender e adquirir novos conhecimentos. [...] eles precisam ter organização, ter curiosidade, saber perceber o que de um conteúdo é mais importante, é mais relevante. É... conseguir fazer o link de um conteúdo

escolar com o dia a dia... ser protagonista dos seus estudos, perceber qual é o papel que ele tem... realmente ter uma rotina de estudos.  
(Profª Helena, 2023)

Eu acho que um primeiro passo fundamental, é de fato a rotina. E aí é algo que a criança não consegue ainda... no 5º ano algumas crianças já conseguem, mas a rotina a gente sabe que não é algo que é construído do dia para noite... então a rotina de estudos é um primeiro passo importante para qualquer criança, para qualquer sujeito em processo de aprendizagem... construir uma rotina, ter um espaço adequado para os estudos... E, além disso, é focar, ter foco e descobrir de que maneira aprende. (Profª Marina, 2023)

A colaboradora Helena fala sobre a importância do protagonismo do aluno, contudo, entendemos que suas considerações indicam que essa postura ativa do aluno deve ser compreendida como um exercício e que, muitas vezes, deve ser ensinada. Entender que **está** na escola não pressupõe **querer estar** na escola, muitas crianças não sabem o porquê estudam e a importância dos conhecimentos para a vida.

Além disso, a aprendizagem constitui-se em uma estrutura cognitiva composta por atividade mental intensa que varia de acordo com o nível de desenvolvimento dos alunos, que precisam utilizar instrumentos para aprender. A seleção dos instrumentos e orientações é feita através do trabalho didático docente que, de acordo com Mauri (1999), tem função de construir um contexto para realização da atividade mental dos alunos, visando o alcance de objetivos educacionais ou o desenvolvimento de suas capacidades. Nesse sentido, a autora discorre sobre a atividade mental consistir em

[...] identificar alguns aspectos relevantes da atividade e interpretá-los adequadamente, se concretizará de modo diferente, dependendo dos objetivos do professor ou da professora e também dos conhecimentos prévios dos alunos e das ajudas que recebam no processo de elaboração. (MAURI, 1999, p. 90)

Nesse entendimento, aprender necessita de condições e crianças de instrução! No construto da Autorregulação da Aprendizagem as condições passam por quatro dimensões base: Cognitivas; Motivacionais; Afetivas e Sociais (Ganda; Boruchovitch, 2018).

Existem algumas práticas descritas pelas colaboradoras que têm grande potencial à autorregulação da aprendizagem, como o ato de anotar demandas e atividades a serem realizadas. A escrita do diário de classe funciona como uma agenda de compromissos do aluno, feita para auxiliá-lo no cumprimento de demandas e afazeres escolares. Porém, essa escrita por si só não garante que o aluno cumpra com suas demandas, mas funciona também como uma forma de acompanhamento do aluno utilizada tanto pela família quanto pela escola. Geralmente são assinados pelo professor e responsável, dessa maneira

o professor verifica se o aluno está cumprindo suas demandas e, principalmente, se é acompanhado por alguém em casa.

A organização pessoal é imprescindível, consiste na arrumação e seleção dos materiais necessários para aula, dinamicidade do tempo, uso de diferentes fontes de informação para aprender, realização das atividades por ordem de entrega ou dificuldade, sendo esses alguns procedimentos autorregulatórios.

Os professores sempre orientam seus alunos sobre organização do material, dão indicação de outros recursos para acesso ao conteúdo, orientam a identificar os distratores, como se afastar de colegas que atrapalham ou tiram a atenção durante a aula, sinalizam as informações importantes com ênfase... essas e muitas outras práticas realizadas pelo professor são potenciais para autorregulação do aluno.

Também perguntamos as professoras o que consideram como postura estudantil, e, em seus relatos, estão contidos alguns dos processos sinalizados anteriormente como potenciadores de autorregulação:

Eu acho que isso vai passar pelo viés de responsabilidade, o que você compreende e o seu papel em sala de aula, enquanto aluno. [...] postura estudantil, a gente pode pensar em postura que seria considerada o céu (né?), perfeita, que seria exatamente que essa criança que se responsabiliza por sua aprendizagem, por seus estudos, que traz o seu material todos os dias certinho, que sabe quais as aulas que serão dadas naquele dia, que consegue fazer o retorno da aula passada, que consegue fazer esse link com o que foi dado na aula passada e com aquilo que a pró está falando naquele momento. (Prof<sup>a</sup> Marina, 2023)

A postura estudantil eu vejo assim, o que é uma postura adequada: o aluno que ele realiza as atividades propostas, mesmo tendo alguma dificuldade naquilo que é solicitado ele busca realizar, ele pede auxílio a alguém para realizar por que ele percebe a importância de realizar aquela atividade e aí ele tira dúvidas, ele procura saber o que é aquela palavra que tem ali para ele compreender para que ele responda. Busca participar da aula, prestar atenção, não deixar que o colega atrapalhe em ele prestar atenção, traz seus materiais para não se distrair para não ficar pedindo a outro, pois ele sabe o que ele vai necessitar para passar a tarde na aula [...] e, ao mesmo tempo se ele porventura um dia não trazer ou não fizer algo, demonstrar que ele não está feliz com ele porque ele esqueceu. (Prof<sup>a</sup> Helena, 2023)

Esses discursos apontam para uma compreensão das professoras sobre atitudes e condições que favorecem no processo de aprendizagem. A correção de atividades também é uma prática docente rotineira que também constitui um dos processos de autorregulação. O ato de corrigir se configura como o identificar erros e revisá-los, nesse momento geralmente surgem as dúvidas dos alunos. Sabendo da importância e do potencial autorregulatório, incluímos uma pergunta no roteiro sobre como as professoras compreendem a correção das atividades. Sinalizam:

[...] eu procuro manter essa cultura de passar de carteira em carteira e olhar a atividade do aluno, porque isso vai me mostrar se ele está longe de compreender o que está trabalhando na sala chegando perto de compreender ou se ele já construiu um bom caminho de compreensão [...] Eu observo quem participa da socialização, dando suas ideias e observo quem pega o seu registro, a sua atividade e apaga, refaz... porque ele mostra ali que ele está compreendendo que ele não atingiu o objetivo e que a correção é importante. (Profª Helena, 2023)

[...] ao longo dos anos enquanto professora você percebe que não faz sentido você trazer um conteúdo novo enquanto eles não avançarem na construção daquele conhecimento, se a criança ou a turma não dá mostras reais de que você pode avançar... Então é nesses momentos de correção que medimos por que a correção não é apenas o corrigir por corrigir, é a discussão em sala de aula, o perguntar como foi feito por quem foi feito, quem te ajudou, como você elaborou esse conceito... que são perguntas que vão surgindo durante a correção da tarefa [...] na tarefa de classe eu gosto muito de colocar as crianças em dupla, porque ali ele vai debatendo um com o outro vai ajudando a construir o conhecimento e até discutir, discordar também é importante. (Profª Marina, 2023)

Essas práticas são significativamente potenciais ao desenvolvimento de uma postura estudantil, os professores são grandes influenciadores no desenvolvimento dos alunos e, por muitas vezes, a simples atitude de preocupação, cativa-os. Em sala, essas professoras através de suas falas, posturas e práticas parecem induzir diariamente uma postura estudantil em seus alunos, mesmo não conceitualmente, compreendendo esse processo. Contudo, para a formação de uma postura estudantil, as crianças precisam ser orientadas intencionalmente nessa construção em todas as etapas de formação e por todos os responsáveis por ela.

A escola, enquanto instituição formativa, que traz em seu currículo apenas os conteúdos e não se preocupa na intenção de formar estudantes para serem ativos, se afasta de sua essência formativa. Por isso, torna-se essencial que o professor compreenda e implemente em sua prática instruções que o façam assumir essa posição, e para instruir de maneira efetiva e assertiva, os profissionais da educação precisam ter conhecimento das características desses sujeitos, entendendo as mudanças biológicas que estão vivendo e o contexto social que estão inseridos.

Aos professores cabem entender como a criança aprende. Enquanto aos pais, entender a criança enquanto pessoa em desenvolvimento, auxiliando-a em suas demandas. Em consonância, destacamos o que pontua Schettini Filho (1997, p. 45), “Cabe a nós, adultos, não só ajudar, como levar a criança a encontrar-se com suas potencialidades de realização”.

A aprendizagem, pressupõe condições, procedimentos e habilidades que refletirão em uma mudança potencial de comportamento. Nesse sentido, na análise das entrevistas,

apoiando-se nas literaturas e nos objetivos postos à pesquisa, compreendemos que as professoras entendem a necessidade dos pressupostos para aprender, isso se destaca em suas falas:

O estudante é o ser que estuda, se ele estuda ele vai precisar desenvolver estratégias para isso, então é alguém que já consegue ter as estratégias e habilidades necessárias e estabelecidas para desenvolver sua aprendizagem. (Prof<sup>a</sup> Marina, 2023)

Se você perguntar a eles o como estudar... eles falam as estratégias corretas... revisar quando chega da escola, não demorar de fazer a atividade, se tiver dúvida buscar o auxílio de alguém... alguns dizem que sempre estudam grifando o que é mais importante, outros que fazem resumo do assunto, procuram material sobre aquele assunto... então eu vejo, que eles identificam o que deveriam fazer para estudar. (Prof<sup>a</sup> Helena, 2023)

No processo de aprendizagem, também são utilizadas ferramentas de avaliação para acompanhar o desenvolvimento dos alunos, a avaliação também é um processo de autorregulação. Na avaliação, os professores identificam as dificuldades, a compreensão e o nível de abstração dos alunos, esse instrumento permite acompanhar o processo de construção, seja de uma aprendizagem ou de procedimentos estudantis. Para Luckesi (2005, p. 33) “avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo”. Nesse interim, as professoras atrelaram a avaliação indispensavelmente para o processo de aprendizagem, tornando significativo a partir da forma como é realizada.

A partir das narrativas das professoras, compreendemos que alguns alunos se colocam enquanto participantes ativos no processo de ensino e de aprendizagem, também foram muito pontuais na falta de uma presença familiar na vida escolar das crianças, conforme:

Eu acho que a gente não tem como fugir, que é também um caminho construído com várias mãos, tanto família quanto escola. E eu acho também que tem um pouquinho do perfil do aluno. Tem aquele aluno que ele tem um perfil mais que a gente pode chamar de responsável pela aprendizagem. Mas eu acho que na maioria das vezes, quando a gente encontra crianças com esse perfil mais autônomo, a gente vai ter uma família, um pai, ou a mãe, ou os pais, ou uma avó, uma tia, alguém que ele se espelha as vezes, ou alguém que ele tem como, um apoio muito forte, uma base em casa, que aí ele desenvolve isso. Então, se a gente vê que realmente ver a importância, por que eu falo da família porque você vê que são alunos que têm uma rotina de estudo estabelecida. São crianças que tem alguém que se preocupa e que se preocupa e mostra essa preocupação? São pais, é uma família presente, é uma série de fatores. (Prof<sup>a</sup> Marina, 2023)

Eu acho que essa questão de o aluno ser o construtor da aprendizagem tem muito a ver também com o que... por exemplo: o aluno falta, ou a família não tem muito a preocupação com o faltar [...] é o adulto que tem de auxiliar, por que se ele não tá percebendo que se a criança não estiver ali todo dia, não vai alcançando, buscando os conteúdos do dia a dia... parece que a família não

compreende [...] aí vem da ordem das famílias não se envolverem como deveriam. (Prof<sup>a</sup> Helena, 2023)

A escola é o espaço onde os processos de ensino e de aprendizagem ocorrem e por isso devem assumir esse compromisso continuamente. A família também é responsável pelo processo educativo das crianças, sendo o adulto que assume a função de regular a criança até que ela consiga se autorregular-se de modo independente e voluntário. A escola e a família devem proporcionar situações às crianças que estimulem seus processos autorregulatórios.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final deste trabalho foi possível inferir que as professoras não possuem uma consciência conceitual sobre a Autorregulação da Aprendizagem na execução do trabalho pedagógico, apesar de, em suas falas, apresentarem possuir práticas e atitudes que estimulam essa ação, as formas como pensam a aprendizagem, o aluno e as avaliações mostram um conhecimento sobre a necessidade de uma postura estudantil, através de estratégias de estudo dos próprios alunos.

O que foi possível analisar no desenvolver deste estudo é que as professoras não agem intencionalmente para promoção da autorregulação, mas compreendem o próprio papel na formação do aluno enquanto sujeito da própria aprendizagem, nos permitindo inferir que, apesar de a autorregulação não está presente em seus discursos, está presente na prática pedagógica que assumiram na sua construção enquanto docente dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa conclusão se deve à identificação em muitas de suas falas de procedimentos autorregulatórios.

Em suma, consideramos que o conhecimento sobre a autorregulação da aprendizagem se constitui num elemento importante no desenvolvimento intelectual de tantas crianças e jovens da educação básica, sendo importante pensar de forma pedagógica sobre eles e evidenciar a existência de procedimentos docentes estimuladores de autorregulação e repertórios de procedimentos de estudo, apontando a necessidade de possibilitar estudos e formações para professores a fim de suas práticas serem referenciadas conceitualmente para uma intencionalidade em formar estudantes ativos.

## **REFERÊNCIAS**

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CUNHA, N. B., & Boruchovitch, E. **Estratégias de aprendizagem e motivação para aprender na formação de professores**. Interamerican Journal of Psychology, 46(2), 247-254, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001;
- GANDA, Danielle Ribeiro; BORUCHOVITCH, Evely. **A autorregulação da aprendizagem: principais conceitos e modelos teóricos**. Psicologia da Educação, n. 46, p. 71-80, 2018.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, (coleção magistério, Série formação do professor), 2008.
- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MAURI, T. (1999). O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares?. In C. César, E. Martín, M. Nuras, J. Onrubia & I. Solé. **O Construtivismo na sala de aula** (p. 79-122). São Paulo: Ática.
- NÓVOA, Antonio. **A formação contínua de professores: realidades e perspectivas**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991;
- PERASSINOTO, M., Boruchovitch, E., & Bzuneck, J A. **Estratégias de aprendizagem e motivação para aprender de alunos do Ensino Fundamental**. Avaliação Psicológica, 12(3), 351-359, 2013.
- PIMENTA, S. G. **Professor reflexivo: construindo uma crítica**. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 17-52.
- POZO, J. (1996). **Estratégias de aprendizagem**. In C. Coll, J. Palácios, & A. Marchesi (Orgs.). Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação (p. 176-197). Porto Alegre: Artes Médicas.
- RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia**. Campinas, 27 (3), julho/setembro, 2010, p. 403-412.
- SCHETTINI Filho, Luiz. **A criança de 6 a 10 anos: na família e na escola**. Recife: Bagaço, 1997.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.